


*Aspectos relevantes do silêncio para a construção do sentido em dados de uma idosa moradora de uma instituição de longa permanência / Relevant aspects of silence for the construction of meaning in data of an elderly woman living in a long-term care institution for the elderly*


*Nirvana Ferraz Santos Sampaio* \*

Doutora em Linguística pela UNICAMP. Professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Professora do Programa Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB.

 <https://orcid.org/0000-0001-5317-6569>

*Simone Maximo Pelis* \*\*

Centro Universitário Celso Lisboa, Centro Universitário Mauricio de Nassau, Faculdade FAVENI, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Psicóloga. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB.

 <https://orcid.org/0000-0002-6926-240X>

*José Carlos Martins Oliveira* \*\*\*

Mestre em Ciências da Computação pela UFPE. Professor do Departamento de Ciências Exatas e Tecnológicas-(DCET/UESB)

Recebido em 07 set. 2019. **Aprovado** em: 16 jan. 2019.

**Como citar este artigo:**

SAMPAIO, Nirvana Ferraz Santos; PELIS, Simone Maximo; OLIVEIRA, José Carlos Martins. Aspectos relevantes do silêncio para a construção do sentido em dados de uma idosa moradora de uma instituição de longa permanência. **Revista Letras Raras**, [S.l.], v. 1, n. 9, mar. 2020. p. Port. 94-119 / Eng. 89-116. ISSN 2317-2347. UFCG: Campina Grande, 2020.

---

\*

 [nirvanafs@terra.com.br](mailto:nirvanafs@terra.com.br)

\*\*

 [simone.maximo@gmail.com](mailto:simone.maximo@gmail.com)

\*\*\*

 [jcarlos@uesb.edu.br](mailto:jcarlos@uesb.edu.br)

 <http://dx.doi.org/10.35572/rlr.v1i9.1569>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um recorte de pesquisa desenvolvida com a linguagem de idosos moradores na Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI, em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. A pesquisa teve como objetivos analisar a linguagem em indivíduos longevos institucionalizados em meio ao processo de silenciamento e verificar o silêncio como ponto chave de resignificação, como estruturante de sentido. Os dados foram coletados a partir de filmagem e gravação dos idosos em situações enunciativo-discursivas, considerando a história dos sujeitos e seus atravessamentos, bem como a condição de produção desses discursos e o conceito de dado-achado (COUDRY, 1988). Neste artigo, apresentamos a análise de dados referentes ao silêncio que ocorre em sessões com uma das moradoras dessa ILPI. Para tanto, recorremos ao pensamento sobre o silêncio a partir de diferentes áreas, como: da Música, da Filosofia, da Psicanálise e da Análise do Discurso, enquanto disciplina de entremeio da Linguística, com conceitos relevantes para este trabalho. Apesar de serem áreas distintas, observamos que compartilham para o fato que o silêncio não é o zero, vazio, o que nos leva a interpretá-lo como sentido. Assim, consideramos, por meio das análises, que o silêncio permeia cada signo e se infla de sentido, e que, quando está só, por si só, significa, possibilitando o sujeito institucionalizado rememorar momentos de dependência, (re)elaborar seus desejos, suas respostas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Linguagem; Silêncio; Idoso; Instituição de longa permanência.

## ABSTRACT

*The aim of this paper is to present a clipping of the research developed with the language of elderly residents in the Long Term Care Institution for the Elderly - ILPI, in Vitória da Conquista, Bahia, Brazil. The research aimed to analyze language in institutionalized long-lived individuals in the process of silencing and to verify silence as a key point of resignification, as a structuring of meaning. Data were collected from filming and recording of the elderly amid enunciative-discursive situations, considering the history of the subjects and their crossings, as well as the condition of production of these discourses, and the concept of finding data (COUDRY, 1988). In this paper, we present the data analysis regarding the silence that occurs in sessions with one of the residents of this Long stay institution. For this, we resort to the thought about silence from different areas, such as: Music, Philosophy, Psychoanalysis and Discourse Analysis, as a discipline of intertwining Linguistics, with relevant concepts for this work. Although they are distinct areas, we observe that they share the fact that silence is not zero, empty, which leads us to interpret it as meaning. Thus, we consider, through the analysis, that silence permeates each sign and inflates with meaning, and that when alone, means, allowing the institutionalized subject to remember moments of dependence, (re) elaborate their desires, your answers.*

**KEYWORDS:** Language; Silence; Old man; Long stay institution

## 1 Introdução

Consideramos que o sentido não é produzido apenas por estruturas linguísticas, mas também, dentre outras formas, por movimentos do corpo, pelo olhar, pelo sorriso, por gestos, entonação e pelo silêncio, todos esses modos em interação. Neste texto, destacamos o silêncio.

O silêncio inspirou e inspira diversas reflexões. Diversas áreas como a Música, a Filosofia, a Psicanálise e a Análise do Discurso, disciplina de entremeio da Linguística, debruçaram-se perante este objeto de estudo. Para cada uma dessas áreas de conhecimento, o silêncio apresenta diferentes modos e funções. Diante do exposto, questionamos: qual a relação do silêncio com a linguagem e o sentido? Para responder essa questão, recorremos a autores, que detalharam esse objeto, e a recorte de dados de uma pesquisa que tem como objetivos: observar o processo de silenciamento e verificar o silêncio como parte de sistema de resignificação estruturante de sentido, na linguagem de idosos moradores de uma instituição de



longa permanência para idosos (ILPI), em Vitória da Conquista, Sudoeste da Bahia, a saber: ILPI Abrigo Nosso lar. O projeto foi submetido ao comitê de ética e foi aprovado com o protocolo CEP: 3.050.076. Foram promovidas atividades sistematizadas para ambientar as sequências enunciativo-discursivas. Na transcrição dos dados, foi utilizado o programa de transcrição Transcribe<sup>1</sup>. Para seleção dos dados, utilizamos o conceito do dado-achado (COUDRY, 1988), resultante da articulação teórica a respeito de um objeto em investigação juntamente com a avaliação e acompanhamento dos processos linguísticos e cognitivos envolvidos em que a teoria conduz o dado e o dado alimenta as discussões teóricas.

Algo notório na linguagem do idoso, principalmente do idoso institucionalizado, é a presença progressiva do silêncio. Isso pode ser observado pelos familiares e cuidadores desses idosos, como, por exemplo, o que a InfV<sup>2</sup> fala sobre a sua irmã InfO, idosa institucionalizada, ou seja, moradora de uma instituição de longa permanência para idosos. Vejamos:

Ela é viúva, não tem filhos ela começou a ficar mais silenciosa (1), conversar menos, né? Ela conversava bastante alto, e começou a conversar baixinho (2), então tudo isso acho que por causa da idade mesmo. (irmã de InfO).

No enunciado de InfV a respeito InfO, pode-se destacar um tipo de silenciamento horizontal (1), que definimos como silêncio de forma linear em relação à fala, e o silenciamento vertical (2), que definimos como o definhamento da fala pela compressão do som até sua impercepção. O silenciamento descrito na primeira parte do enunciado não é o mesmo silenciamento da segunda parte. Logo, o resultado final de cada processo é singular.

Dessa forma, podemos olhar para o silêncio a partir de um ponto de vista acústico, levando em conta, também, a área da Música; do ponto de vista da Filosofia; da Análise do Discurso e da Psicanálise. Por meio da discussão sobre o silêncio que ocorre com base na experiência de Beranek e sua câmara anecóica, Figura 1, observa-se a identificação da inexistência do silêncio acústico, e as inúmeras possibilidades que o silêncio comporta.

Na contemporaneidade, o músico John Cage (1961), experiencia a câmara anecóica e estuda o silêncio. Cage (1961) buscou na filosofia Zen respostas, não compreendidas, sobre o silêncio. Também foi na filosofia Zen que o filósofo alemão Heidegger (1959) tentou explicar o silêncio como a *não-forma* necessária para a forma ser instituída. Esses pensamentos coadunados com as leituras de Orlandi (1992); Sampaio (2006, 2008); Azevedo et al. (2019);

<sup>1</sup> Aplicativo do Google Chrome para transcrição de áudio.

<sup>2</sup> Os sujeitos envolvidos na pesquisa serão identificados como Inf, que se refere a informante, com a Inicial do primeiro nome em letra maiúscula.

Costa (2019); Bernardes e Sampaio (2019), sobre a linguagem e o silêncio, por um lado, e as leituras de Lacan (1985, 2011) e Nasio (2010), por outro lado, direcionaram as análises dos dados que serão apresentados e discutidos neste artigo.

Para tanto, dividimos o texto em duas seções norteadoras para se chegar as considerações finais. Nesse sentido, para verificar o valor do silêncio na linguagem, além dos autores aqui citados, recorreremos, também, aos preceitos da linguística estruturalista proposta por Saussure (1916), na seção 2, intitulada *O Silêncio: tende a zero e é substância do sentido*. Em seguida, na seção 3, *O Silêncio como Possibilidade: registros e análises*, apresentamos os dados retirados de sessões enunciativo-discursivas com a idosa InfN, institucionalizada no Abrigo Nosso Lar, analisados a partir dos pressupostos sobre o silêncio que nos animaram a incitá-los na leitura deste artigo.

## 2 O Silêncio: tende a zero e é substância do sentido

Léo L. Beranek, professor e diretor técnico do laboratório de acústica e eletrônica de Harvard, identificou o ruído dos ambientes como um grave problema nas comunicações militares, durante a segunda guerra mundial, quando ainda era usado o código Morse<sup>3</sup>. Na ocasião, o comitê nacional de defesa dos Estados Unidos da América criou em Harvard, por meio de seu Conselho Nacional de Pesquisa, dois projetos: um para estudar as possibilidades de reduzir os ruídos dos veículos militares e outro para estudar o efeito destes ruídos nos soldados. O primeiro projeto foi coordenado por Beranek e o segundo projeto foi coordenado por Sleeper, graduando de Beranek à época.

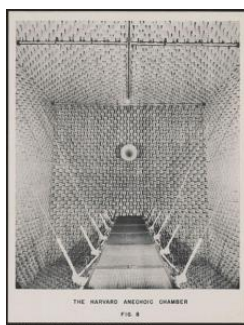


Figura 1: A Câmara Anecóica de Beranek

<sup>3</sup> O Código Morse é um sistema de linguagem que usa sinais elétricos para representar letras, algarismos e pontuação. Ele foi fundamental na Segunda Guerra Mundial, mas o ruído do ambiente era um grande problema, porque atrapalhava a transmissão dos códigos que eram transmitidos por pulsos.

Fonte: SAMUEL, 2019<sup>4</sup>

Beranek (1943), na tentativa de rever as especificações dos equipamentos de comunicação militar, construiu a primeira câmara anecóica do mundo, na qual foi possível, por meio de revestimento específico, absorver 99% dos ruídos presentes nos ambientes e suas frequências. A partir do trabalho de Beranek (1943), as câmaras anecóicas simulam um espaço aberto com dimensões infinitas. Assim, o “nível de som a partir de uma fonte esféricamente irradiado diminui 6db<sup>5</sup> a cada dobro da distância da fonte em um coeficiente de absorção que abrange todos os ângulos de incidência, definido como lei do inverso do quadrado” (KEMPREL, 2015)<sup>6</sup>.

A câmara anecóica construída em 1942 e desmontada em 1971 inspirou um dos mais emblemáticos musicistas da contemporaneidade, John Cage. Cage foi artista, poeta, músico e, por ser multidisciplinar, concentrou também seus interesses nos estudos sobre o silêncio. Para ele, o silêncio não é acústico, é uma mudança da mente, uma reviravolta (CAGE apud HELLER, 2008, p.164), algo no campo do perceptivo e da ilusão. Cage, que é autor da obra musical 4'33", em uma ocasião, ao se apresentar, fechou seu piano e deixou a plateia ao som do silêncio por um determinado tempo. Ele experienciou a ausência de sons proposta pela câmara anecóica de Beranek e disse que:

It was after I got to Boston that I went into the anechoic chamber at Harvard University. Anybody who knows me knows this story. I am constantly telling it. Anyway, in that silent room, I heard two sounds, one high and one low. Afterward I asked the engineer in charge why, if the room was so silent, I had heard two sounds. He said, “Describe them.” I did. He said, “The high one was your nervous system in operation. The low one was your blood in circulation. (CAGE, 1961, p. 13)<sup>7</sup>.

<sup>4</sup> SAMUEL, Dana, Harvard's Anechoic Chamber and the Silence of John Cage, Disponível em: <http://www.sensorystudies.org/picture-gallery/untitled/>, consultado em 13 de agosto de 2019.

<sup>5</sup> Os termos dB (decibéis) e escala de decibéis são usados mundialmente para medir o nível de som. A escala de decibéis é uma escala logarítmica, em que a duplicação da pressão do som corresponde a 6 decibéis no aumento de nível. É importante entender que o termo dB pode ter diferentes significados e não tem uma unidade fixa como as relacionadas a voltagem, metro, e afins. A unidade de dB vai depender do contexto em que ela é utilizada. Exemplos: 180 dB: decolagem de foguete, 140 dB: motor à jato em movimento, 120 dB: banda de rock, 110 dB: trovoadas altas, 90 dB: tráfego urbano, 80 dB: rádio no volume bem alto, 60 dB: conversação normal, 30 dB: sussurro suave (<https://www.hear-it.org/pt/o-que-e-db-e-frequecia>).

<sup>6</sup> Lei do inverso do quadrado:  $1/n^2$ .

<sup>7</sup> Isso foi após eu ir à Boston. Eu fui à câmara anecóica, na Universidade de Harvard. Qualquer um que me conhece sabe desta história. Estou constantemente a recontando. De qualquer forma, na sala do silêncio, eu ouvi dois sons, um alto (agudo) e outro baixo (grave). Eu perguntei para o engenheiro porque, se a sala era silenciosa, eu ouvira tais sons. Ele respondeu: “Descreva-os para mim”. Eu o fiz. Ele disse: o mais alto era o som do seu sistema nervoso funcionando. E o baixo era o som da sua circulação sanguínea. (Nossa tradução).

Após essa experiência, Cage, que pensava existir um silêncio de fato, reconheceu que por mais que se tente fazer silêncio não é possível, pois “nenhum som teme o silêncio que o extingue e não há silêncio que não esteja grávido de sons” (CAGE apud HALLEY, 2008, p. 40).

Nas décadas de 1930 e 1940, John Cage entendia o silêncio como ausência de som e não oposição ao som. Na pausa musical, por exemplo, o silêncio é representado por um valor negativo. Trata-se de uma compreensão retórica do silêncio. Posteriormente, Cage desenvolveu uma compreensão dialética do silêncio, na qual confirmava a inexistência deste. Para Cage, há sempre um som, seja intencional ou não intencional. O som e o silêncio estão em constante mutação e contínua interpenetração<sup>8</sup> (HELLER, 2008, p.14). Nas décadas de 1950 e 1960, Cage se depreende da compreensão do silêncio como fenômeno acústico. Essa compreensão se deu após sua experiência na câmara anecóica. Ele percebeu que, na completa ausência de som externo, há a ocorrência de um som grave e de um som agudo e, com a ajuda do engenheiro responsável pelo experimento, descobre que o primeiro som é decorrente de seus batimentos cardíacos e de sua circulação sanguínea, enquanto o segundo é decorrente de seu sistema nervoso.

Depois das descobertas citadas acima, Cage começa a estudar a filosofia e a cultura oriental. Para a filosofia Zen, o silêncio é o próprio verbo, em alusão ao ocidental *o verbo se fez carne*. Logo o silêncio é corpo, o silêncio é gesto (HALLEY, 2008, p 43). Martin Heidegger, filósofo alemão, em um colóquio sobre a arte e o pensar, ao questionar a respeito da arte para Shinichi Hisamatsu, pesquisador do Zen, obteve a seguinte resposta: a beleza na arte em Zen está em que o sem-forma vem ao encontro no imagético. Sem a presença da própria *não forma* na *forma* a obra de arte Zen é impossível. Cage se apoia na ideia que para o Zen não há a negação do nada, ao contrário, o nada impede que os entes se solidifiquem, que se fundam em uma única substância. Além disso, Pereira (2014) salienta que Cage elaborou tabelas e gráficos movimentando os elementos musicais semelhantes a peças em um jogo de tabuleiro.

Segundo Pereira (2014), havia uma inquietação nas obras de Cage. Ele percebia que nos elementos musicais havia uma não intencionalidade que surgia da subjetividade da auto

---

<sup>8</sup> Cage ouviu o termo em curso sobre Zen ministrado por Daisetz Suzuki, na Universidade de Colômbia. Segundo Cage, Suzuki afirmava que a grande diferença entre o pensamento ocidental e o oriental é que a visão de causa e efeito não é enfatizada como no ocidente. Antes o oriente enfatiza o aqui e agora. A interpenetração significa que em todo espaço cada coisa e cada ser humano pode ocupar o centro. Estando no centro ocupa um lugar de honra. Cada um desses mais honrados se move em todas as direções, penetrando e sendo penetrado, não importando o tempo e o espaço. Isso quer dizer que não há causa e efeito, mas uma imensurável possibilidade de causas e efeitos.

expressão. O silêncio permite esse movimento intuitivo. O silêncio possibilita a indeterminação do som. O jogo de xadrez não foi a única analogia de Cage para explicar o silêncio, ele também fez analogias com o vazio, a transparência, o branco. Para o músico, o branco estava para o quadro como o silêncio para a música. Logo o silêncio acústico é inexistente para os ouvidos, mas há algo onde é acusticamente inaudível. Cage percebeu que o silêncio tem um parâmetro comum com o som: a duração. (HALLEY, 2008, p. 17). Ele afirmou que o silêncio não pode ser ouvido em termos de altura ou de harmonia: é ouvido em termos de duração de tempo. Em sua *Conferência sobre o nada*, Cage diz que as palavras ajudam a fazer o silêncio. Pois quando não há nada a dizer, ele está dizendo.

Propomos a seguinte Fórmula, definida pela Equação (1), para observar, em outra linguagem, o Silêncio (S):

$$S = R(E) + R(I) \quad (1)$$

Na fórmula acima,  $R(E)$  representa o somatório dos ruídos externos ao corpo e  $R(I)$  somatórios dos ruídos internos ao corpo.  $R(E)$  e  $R(I)$  são medidos em Megahertz (MHz)<sup>9</sup> e definidos pelas Equações (2) e (3):

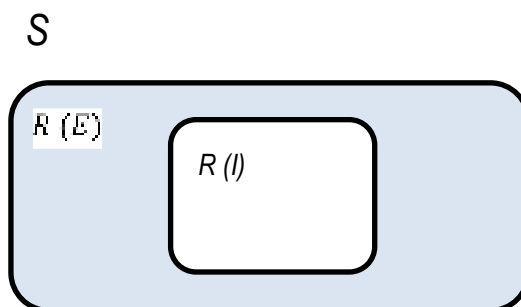
$$R(E) = \sum_{i=1}^n x_i i = (0 + 1 + 2 + \dots + n), \quad (2)$$

$$R(I) = \sum_{i=1}^j y_i i = (1 + 2 + \dots + j), \quad (3)$$

com  $x_i$  sendo os  $n$  ruídos externos ao corpo e  $y_i$  os  $j$  ruídos internos ao corpo.

$R(E)$  é a soma dos ruídos fora do ser, ruídos que estão no meio ambiente, a exemplo dos sons da natureza e aqueles produzidos pelo homem.  $R(I)$  é a soma dos ruídos que estão dentro do indivíduo, proveniente de seu interior, a exemplos: batida do coração, fluxo sanguíneo, movimentos peristálticos, sistema neural, dentre outros. S representa o valor do silêncio. Seguindo o modelo proposto por Beranek, o diagrama abaixo sintetiza, graficamente, a representação do valor de S.

<sup>9</sup> A frequência de som é o número de ciclos de uma onda sonora, por segundo. A unidade de medida é o hertz (Hz) e a frequência do som aumenta, na medida em que o número de ciclos por segundo aumenta. As vibrações entre 20 e 20.000 ciclos, por segundo, são consideradas como som de uma pessoa com saúde normal. Sons agudos são os emitidos por uma flauta ou o canto de um pássaro. E os sons graves são aqueles produzidos por fortes trovoadas distantes ou sons de uma guitarra (<https://www.hear-it.org/pt/o-que-e-db-e-frequencia>).



**Figura 2:** Representação gráfica do valor do silêncio  
 Fonte: Elaboração dos autores a partir do modelo de Beranek.

Na tentativa de isolar o valor de  $R(I)$ , Beranek reduziu  $R(E)$  a próximo de zero, e só assim foi possível identificar  $R(I)$ . Logo  $R(I)$  sobressai quando  $R(E)$  tende a zero. E o valor de  $S$  é identificado quando  $R(E)$  e/ou  $R(I)$  diferem de 0 (zero). Quando um sobressai ao outro, algo perturbador tende a ocorrer. Mas, a neutralidade de ambos, aparentemente conhecida como silêncio, pode se dizer uma ilusão auditiva, visto que a neutralidade absoluta de ambos não acontece. Pois Beranek mostrou com a sua câmara anecóica que o somatório dos ruídos internos tende a zero, mas nunca alcança o limite zero, por conta da suposta não inoperância total do organismo.

Para Heidegger (1959, p. 137), “o nada não permanece indeterminado oposto do ente, mas se desvela como pertencente ao ente”. Heidegger, em seu livro *Caminhos da Linguagem*, reconhece o silêncio e sua função linguística ao reconhecer a onipresença da linguagem na existência do homem ao dizer que “a linguagem encontra-se em toda parte” e, ao dizer, “Falamos continuamente. Falamos mesmo quando não deixamos soar uma palavra” (HEIDEGGER, 1959, p. 7); mesmo na pausa, no silêncio, a linguagem está presente, logo o silêncio também é linguagem.

Consideramos que o silêncio ( $S$ ) acústico é sempre diferente de zero e que isso não é diferente com o silêncio linguístico. Há sempre um dizer ou um não dito que está a dizer, no intermeio dos signos ou na ausência destes, dessa forma o sentido se faz. O silêncio é inúmeras possibilidades de construção de sentidos, mesmo que um signo não o represente ele é a diferença de zero. Para reforçar esse pensamento, vejamos um pouco sobre conceitos advindos da Linguística.

No Curso de Linguística Geral, Saussure (1916) argumenta que “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita” (1916, p. 17). Sobre o som, ele afirma que “não passa de instrumento do pensamento e não existe por si mesmo. (...) O som, unidade complexa acústico-



vocal, forma, por sua vez, com a ideia, uma unidade complexa, fisiológica e mental” (SAUSSURE, 1916, p. 16).

Saussure identifica uma importante distinção entre a língua e a fala. Para ele, a língua é a linguagem sem a fala. Afirma que para reconhecer o lugar da língua nos fatos da linguagem é necessário reconstituir o circuito da fala em um ato individual (SAUSSURE, 1916, p. 43).

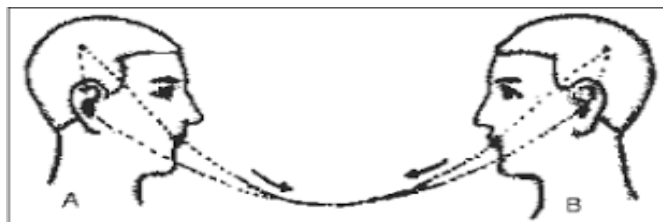


Figura 3: Circuito da Fala  
Fonte: SAUSSURE (1916).

Utilizando-se da imagem acima (figura 3), Saussure explicou que o circuito da fala se inicia no cérebro, onde os fatos de consciência, que ele denomina de conceitos, associados às representatividades dos signos linguísticos servem para expressá-los (p.43). Nesse momento, dá-se início a um “efeito inteiramente psíquico” em que o cérebro demanda aos órgãos fonológicos impulsos correlatos à imagem que serão propagados da boca de A ao ouvido de B, em um processo físico. O circuito se estende em ordem inversa (de B para A) consecutivamente.

O uso individual do sistema linguístico, Saussure (1916) chamou de *parole*. Para Saussure, a *langue* “é o produto do que o indivíduo registra de forma passiva” (1916, p. 45) e é da ordem do social. Ao abordar sobre a natureza do signo linguístico, Saussure o define como uma entidade psíquica constituído pela “combinação do conceito e da imagem acústica”, a saber, o significado e o significante. Cada signo tem seu próprio valor interno. No sistema, um signo terá seu valor a partir de sua relação com os outros signos. Segundo Saussure, dois princípios são pertinentes ao signo, quais sejam: a) a arbitrariedade, ou seja, o significante é imotivado em relação ao significado, e b) a linearidade do significante, que é, por sua natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, numa só dimensão.

Além disso, Saussure (1916) considera a língua como um sistema de termos solidários. Dessa forma, um signo só tem valor na presença de outros semelhantes e dessemelhantes que se relacionam a todo instante nesse sistema, ou seja, na língua. Para ele, os signos se relacionam a partir das relações sintagmáticas e associativas e, em cada uma delas, há uma ordem de valores. A primeira existe *in praesentia*, trata-se do encadeamento de termos numa série efetiva. Isso exclui a possibilidade de se pronunciar dois elementos ao mesmo tempo, pois,

para produzirem sentido, precisam da linearidade. A segunda une termos *in absentia*, ou seja, a relação associativa é a formação de grupos com algo em comum que se associam na memória, em uma série mnemônica virtual. Cada uma dessas ordens dispõe de análises particulares.

Dos conceitos elaborados por Saussure (1916), um dos mais importantes é o valor *linguístico*. Para Saussure, o sistema linguístico é comparado a um jogo de xadrez. Cada peça é um signo, mas o que faz a peça funcionar como signo é a relação que esta peça tem com as demais. As relações sistemáticas é o que estrutura o conceito de valor em linguística. Há uma relação entre os signos de comparação e oposição. Um dos exemplos que ele apresentou para ilustrar essa relação é o da moeda que nominalmente vale cinco francos, porém, *não é o metal da moeda que lhe fixa o valor*, materialmente, a prata que a constitui pode ter menor valor. Uma convenção coletiva é o que lhe estipula o valor diferente do valor de sua substância.

Para Saussure, a língua é forma e não substância (1916, p.131). Na analogia do jogo de xadrez, figura 4, uma peça de xadrez não a faz ser o que é pela substância da qual é feita e sim pelas relações que esta terá com outras peças. Logo são as regras e as relações funcionais que permitem a realização do xadrez enquanto sistema ou jogo.



**Figura 4:** O Formato/Substância das peças não Influencia nas regras  
Fonte:Pinterest e Amazon<sup>10</sup>.

Nas comparações apresentadas por Saussure (1916), a posição de um jogo de xadrez é equivalente ao estado da língua, em ambos há um sistema de valores, sendo que o valor das peças depende da sua posição no tabuleiro, por um lado e, por outro, na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos, mediante a uma convenção entre os jogadores o que existe, também, no que se refere à língua, ou seja, os princípios da Semiologia, prevista por Saussure como “uma ciência que estude a vida dos signos no seio da vida social” (1916, p.24).

John Cage nasceu um ano antes do falecimento Ferdinand de Saussure. Não se conheceram, mas compartilharam do mesmo objeto para suas analogias: o tabuleiro de xadrez.

<sup>10</sup> Disponível respectivamente em <https://br.pinterest.com/pin/469852173599745230/> e <https://www.amazon.com.br/Tabuleiro-Xadrez-Eg%C3%ADto-Pe%C3%A7as-55x55x10cm/dp/B076LGRDCC> acessado em 10 de julho de 2019.

Saussure pensou na analogia do jogo de xadrez com o sistema linguístico, e Cage pensou na indeterminação da linguagem. Cage pensou na indeterminação do som, pensou no silêncio.

A Figura 5 representa o signo, enquanto entidade linguística, constituído por duas faces: a “combinação do conceito e da imagem acústica” (SAUSSURE, 1916, p. 81), a saber, o significado e o significante. Cada signo tem seu valor interno, a significação em si mesmo.

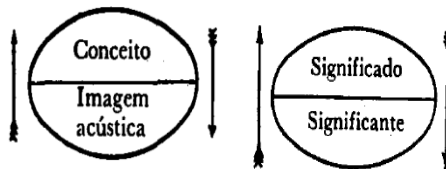


Figura 5: Representação do Signo Linguístico  
Fonte: SAUSSURE, 1916.

Porém, no sistema, um signo terá seu valor a partir de sua relação com outro signo, conforme demonstrado na Figura 6.



Figura 6: Valor Linguístico  
Fonte: SAUSSURE, 1916.

Enquanto Saussure estipula valor, ao considerar o signo em sua totalidade, informando que “na língua só existem diferenças” (1916, p.139), Cage estipula valor para o silêncio, e diz que a forma de mensurá-lo é por sua duração. Mas, a duração é uma forma de emoldurar parte do silêncio, uma vez que ele é *tela branca da pintura*; o tabuleiro onde se dispõe a pintura das casas, onde o xadrez se constituirá a partir das regras, valorando suas peças. Cage fala das inúmeras possibilidades a partir do silêncio e o define de duas formas: o silêncio ruidoso, aquele que é perturbador e o silêncio harmonioso o que possibilita quietude.

Heidegger, o filósofo, usou uma jarra como analogia do vazio, do silêncio. Ele disse que a jarra enquanto recipiente tem lado e fundo, mas não é o lado e o fundo. E questiona se ela seria o vazio que a encerra, se ela está mesmo vazia. Ele explica que a jarra está cheia de ar e de tudo que compõe o ar. Se a jarra fosse vazada por vinho, o ar seria deslocado e substituído pelo líquido. Então encher a jarra de vinho seria trocar um conteúdo por outro (LIMA, 2010, p. 98), Heidegger (1959) vai além, quando diz que na água doada, perdura a fonte, seus sentidos e significados.

Eni Pulcinelli Orlandi (1992), importante linguista e analista de discurso, em sua obra intitulada *As Formas do Silêncio – no movimento dos sentidos*, afirma que “no início é silêncio. A linguagem vem depois” (1992, p.27). Em seguida, a pesquisadora sintetiza: “quando o homem individualizou (instituiu) o silêncio como algo significativamente discernível, ele estabeleceu o espaço da linguagem” (ORLANDI, 1992, p. 27).

O silêncio descrito por Orlandi se apresenta de duas formas: silêncio fundador e a política do silêncio, sendo este local ou constitutivo (1992, p. 74). Orlandi apoia-se no conceito de fuga no sentido musical para falar da polissemia, diferentes movimentos de sentidos do mesmo objeto simbólico e se inspira em Pêcheux, filósofo que buscou na linguagem a compreensão de conceitos que falam do deslocamento de um ponto de deriva que modifica o sentido de um enunciado.

Orlandi recebeu influência de Oswald Ducrot, linguista francês nascido em 1930, que diz que o silêncio pode ser visto como o *não dizer*, e a partir daí o *dito*. Segundo Ducrot (1987), “De acordo com uma expressão familiar, o subentendido permite acrescentar alguma coisa ‘sem dizê-la, ao mesmo tempo em que ela é dita’” (1987, p. 19). Logo, o silêncio, enquanto simbólico, é fundamental para que haja produção de sentidos.

Se o posto é o que afirmo, enquanto locutor, se o subentendido é o que deixo meu ouvinte concluir, o pressuposto é o que apresento, como objeto de uma cumplicidade fundamental que liga entre si os participantes do ato de comunicação. (DUCROT, 1987, p. 20).

Por isso, para Orlandi (1992), o silêncio é a eminência do dizer. O silêncio é o que fundamenta a linguagem. O Silêncio não é um *nada*, pois é carregado de possibilidades e de fundamentações. O silêncio e o dizer são inseparáveis. O dizer e o silenciamento são igualmente inseparáveis. Como parte constituinte da política do silêncio está a interdição, o não poder dizer, o silêncio local; e ao lado o silêncio constitutivo, onde a divisão de sentido afeta o dizer. Onde é preciso não dizer para dizer.

O silêncio não é *nada*, ele é sempre um algo a dizer ou um algo que ainda não foi dito. O silêncio possibilita os sentidos, pode ser estudado pela Semiologia, visto que faz parte da linguagem e produz sentido. O silêncio faz parte do complexo sistema da língua e, usando a analogia da teoria de valor linguístico de Saussure (2016), seu valor é diferente de zero.

Sampaio (2006), para estudar o Centro de Convivência de afásicos da UNICAMP como uma comunidade de fala, recorre a autores que se debruçaram sobre o silêncio e a função social

deste na manutenção das interações sociais, dentre eles: (i) Bauman (1974) e Burke (1995), que indicam que, em diversas sociedades, as pessoas inseridas em comunidades variadas não falam o tempo todo e que, dessa forma, o silêncio tem diversos sentidos nas sociedades; e em (ii) Orlandi (1992) que defende que há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem, ou seja, “todo dizer é uma relação fundamental com o não-dizer” (SAMPAIO, 2006, p. 45). Assim, de acordo com Orlandi (1992), essa incompletude nos conduz também a errância dos sentidos, o desejo da unidade ou do sentido fixo, “o lugar do *non sense*, o equívoco, a incompletude (lugar dos muitos sentidos, do fugaz, do não-apreensível), não como meros acidentes da linguagem, mas como o cerne mesmo do seu funcionamento” (ORLANDI, 1992, p.12).

O silêncio não é visto somente como o ato de não falar ou como o que está implícito, defendendo que a falta, a falha, a incompletude do sentido e do sujeito é condição para a pluralidade do sentido e do próprio sujeito que, quanto mais silêncio se instala, mais possibilidade de sentidos se apresenta. Assim, Sampaio (2006 e 2008) assevera que, ao lado dos sujeitos não afásicos do CCA, os sujeitos afásicos, que pertencem essa comunidade, enfrentam a afasia a partir de repertório comunicativo variado, com recursos verbais e não verbais, dentre eles com o silêncio, as pausas e hesitações em diferentes situações enunciativo-discursivas.

O que o silêncio “absoluto” e o isolamento poderiam causar no ser humano? A câmara anecóica revelou que o silêncio, enquanto ausência de ondas sonoras impossibilita pistas perceptivas que permitem o equilíbrio e a manobra do corpo. Por isso, após meia-hora, o indivíduo na câmara precisa sentar-se para não cair ao chão. Além disso, quanto maior a ausência de sons externos, maior a percepção dos sons internos, como: batida do coração, estômago, pulmão, artérias. Depois de algum tempo, exposto à ausência total de som, há relatos de alucinações. A NASA, Agência do Governo Federal dos Estados Unidos responsável por pesquisa e desenvolvimento de tecnologias e programas de exploração espacial, testa a tolerância de seus astronautas em câmara semelhante quanto à ausência de sons, tempo de surgimento das alucinações e quais as possibilidades de trabalho com essas intercorrências. Trata-se de estudo de cunho acústico com a finalidade de verificar as implicações da exposição duradoura à total falta de ondas sonoras que os astronautas experimentam no espaço.

O silêncio em uma ILP para idosos é recorrente e tem o seu lado positivo e o seu lado negativo. Nos dados apresentados na seção 2 deste artigo, observamos que o manejo do



especialista de/com a linguagem pode trazer possibilidades de sentido para o silêncio instaurado na fala de uma idosa institucionalizada. Entretanto, Bernardes e Sampaio (2019), em meio ao acompanhamento da linguagem de outro sujeito institucionalizado em uma ILPI, constataram que os idosos tinham poucas oportunidades de conversar entre eles ou fazer uso da linguagem de maneira a contribuir para a manutenção de sua individualidade e se mostrarem como sujeitos, embora encontre-se na ILPI um cuidado especial com as necessidades físicas e, também, a possibilidade de atividades sociais, como comemorações de datas especiais, atividades com artesanato e musicais. Consideramos que esse distanciamento que ocorre entre um idoso e os demais idosos institucionalizados causa um silêncio envolto a ruídos e significações internas e externas que é base para se instaurar sentidos.

Paralelo a esses estudos, Azevedo et al. (2019) e Costa (2019) apresentam uma discussão linguístico-discursiva a partir do estudo da afasia e da gagueira em grupos de apoio da Universidade Católica de Pernambuco, as autoras também recorrem a Orlandi (1992) para considerar que o silêncio não é vazio e sem sentido, mas é causador de efeito no outro, “lugar que permite a linguagem significar” (p.68), sair do vazio e instaurar algo a ser dito. Nesse estudo, a gagueira e a afasia são compreendidas como fenômenos da ordem do discurso e apresentam relação direta com os interlocutores e com as condições de produção. Nas análises das sequências discursivas dos trabalhos dessas autoras, o silêncio e o silenciamento no discurso dos sujeitos com linguagem atípica, afasia e gagueira, são observados em meio ao enfrentamento daquilo que é esperado pelo meio social, ou seja, uma linguagem com fluência absoluta, sem deslizos, pausas ou hesitações. Nesse sentido, há um manejo, por parte das pesquisas relatadas nesses trabalhos, para a mudança de posição diante dos discursos apresentados pelo gago e pelo afásico.

Do ponto de vista da Psicanálise, Nasio (2010) propõe que “assim como o vaso cria o vazio, a palavra cria o silêncio; voltaremos sobre o estatuto dessa palavra criadora que, ao recuar diante de sua insignificância ou falta de sentido, toma forma de silêncio” (2010, p. 84).

Como posto, segundo Saussure (1916), a definição de língua como um sistema de signos linguísticos, implica também em noção de valor entre os signos e na noção de significação entre a união de um conceito e uma imagem acústica (significante ↔ significado, conferir figura 5 deste artigo). Lacan (1998) retoma esse pensamento e considera que o significante tem primazia sobre o significado. Para ele, é o significante que está acima do significado diferentemente do modelo proposto por Saussure. E o sentido emergirá a partir da

articulação de uma série de significantes (S/s-s-s...), que, como em cadeia, um leva a outro, estabelecendo um lugar de destaque, também, para a fala.

Lacan (1998 e 2011), ao retomar Saussure, reconhece a estrutura linguística, mas considera que um signo é uma unidade composta de um significante sobreposto a um significado. Lacan (2011, p.18) apreende, dessa forma, que a linguagem é o objeto de trabalho da psicanálise, sendo a fala o material de trabalho do psicanalista.

Três importantes obras de Freud, cujo cerne é a linguagem, quais sejam: *A Interpretação dos Sonhos* (1900); *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901); *Chistes e sua Relação com o Inconsciente* (1905) são retomadas por Lacan (2011, p. 19). Ao retomá-las, ele se dá conta de que há algo além na linguagem que ultrapassa a intencionalidade do indivíduo. É na idéia de significante que Lacan contempla a possibilidade de nomear o que organiza o inconsciente.

O indivíduo nasce mergulhado em um universo de linguagem e construção contínua de significados. O sujeito é submetido aos significantes que lhe são concedidos pelas relações ao redor, às normas que possibilitam a construção de novos significantes, bem como, à ordem simbólica que institui a linguagem. Logo, há um saber inconsciente que produz esse saber baseado na articulação e nas instâncias do significado.

A linguagem de que se trata, como investi tempo, cuidado, trabalho e paciência em articular, é a linguagem em que podemos distinguir, entre outras coisas, o código da mensagem. Sem essa distinção mínima, não há lugar para a fala. É por isso que, quando introduzo esses termos, intitulo-os de *Função e campo da fala* — esta é a função - e da linguagem - este é o campo. A fala define o lugar daquilo a que chamamos verdade. (LACAN, 2011, p.25).

O sujeito se constitui ao se submeter neste universo de linguagem. Lacan (1985) diz que o inconsciente é estruturado como a linguagem. Para Lacan, a linguagem trata de códigos da mensagem, do que é a verdade. O sujeito se constitui ao expressar sua verdade.

Outra discussão de Lacan (2011, p. 83-84), de origem mais técnica, diz respeito à necessidade de interrupção das sessões de análises, ou seja, o tempo lógico. O consenso da sociedade de Psicanálise tinha como regra sessões diárias e longas demais. Lacan, ao reduzir a sessão a 50 min, compreende a necessidade de dar limite, de interromper uma sessão e passar a discutir sobre a escuta do analista e a importância do silêncio na clínica. Segundo Nasio (2010), “Seria mais exato dizer que a psicanálise prova o poder das palavras e o poder do silêncio” (2010, p.19).

Dessa forma, o analista, em seu lugar de sujeito do suposto saber, é aquele que acolhe a palavra do sujeito, ainda que no silêncio, na transferência que ocorre entre analisando para com o analista (LACAN, 1985). O silêncio por comportar palavras é preciso ser *guardado*. Guardar o silêncio quer dizer que, para além de não fazer barulho, ele se cala *em vez de* responder. Na psicanálise lacaniana, o silêncio do analista tem papel imprescindível:

Em certo momento da análise, o silêncio do analista torna-se um fator que favorece a reciprocidade das forças emocionais. Parece proibir que se passe por cima dos problemas e faz tomar consciência daquilo que escondem os comentários sobre o tempo ou sobre a biblioteca que ali está. O poder ativo do silêncio torna transparentes os pequenos nada da conversação, e possui uma força que arrasta o paciente e o faz progredir, empurra-o para profundezas maiores do que havia visualizado. (NASIO, 2011, p.22).

A função da fala na psicanálise é instrumentalizar o sujeito na busca de sentido que foi recusado. A fala, ao encarnar a história do sujeito, permite o reconhecimento e a produção de significantes e a realização da verdade como elemento que integraliza o desejo na linguagem e no simbólico. Dessa forma, a fala pode ser plena ou vazia. Quando plena, a fala viabiliza a realização da verdade do sujeito, enquanto vazia ela é resistência, para além da fala. Eis aqui o silêncio pela perspectiva Lacaniana:

Se a transferência se faz muito intensa, produz-se um fenômeno crítico que evoca a resistência, a resistência sob a forma mais aguda em que possamos vê-la manifestar-se – o silêncio... É preciso dizer também que, se esse momento chega em tempo oportuno, o silêncio toma todo o seu valor de silêncio – não é simplesmente negativo, mas vale além da palavra. Certos momentos de silêncio na transferência representam a apreensão mais aguda da presença do outro como tal. (LACAN, 1985, p, 323).

No silenciar do sujeito, o significante se cala e nesse momento uma centelha de significação brota na superfície do real e “depois o real ilumina-se com uma fulguração projetada de sob seu embasamento de nada” (NASIO, 2010. p.242). Na clínica, o silêncio possibilita ao sujeito as impossibilidades e possibilita ao outro papel interlocutório. O psicanalista não teme o silêncio, pois seu silêncio tem sentido para o paciente, ao promover *efeito* calmante e benéfico (LACAN, 1985, p 20), que permite o olhar para si e para o outro de forma mais pacífica. O silêncio na clínica é acolhimento, fundamento, reconhecimento e possibilidade.

Em síntese, ao analisar o silêncio pela instância da acústica, ele é algo que parece ser nada, mas que possibilita o dar sentido ao que precisa se tornar. O silêncio é o contraste que permite o revelar. Na filosofia heideggeriana, o silêncio é o sem forma que possibilita a forma,



que preenche o que está a ser tomado. É o elemento que caracteriza a onipresença da linguagem. Cage nega a existência do silêncio enquanto ausência de som, pois sempre haverá um som, que pode ser inaudível, mas mensurável pelo tempo. O tempo dá forma, limite, contorno ao silêncio. E sua teoria nos traz uma importante colaboração acerca do silêncio externo, ambiental e do efeito da ausência de som para o corpo. Para Orlandi (1992), o silêncio fundamenta e pode ser: político, local ou constitutivo, além de movimentar os sentidos em diferentes objetos simbólicos. O silêncio significa, possibilita, censura, guarda, mas igualmente liberta e carrega sentidos. Segundo Lacan, o silêncio toma todo o seu valor de silêncio, que não é negativo, com valor para além da palavra. Assim, o silêncio está na base e na estrutura, imperceptível, porém essencial da constituição do sentido. O silêncio, enquanto parte da linguagem, permite a articulação do eu, dos desejos e dos afetos.

### 3 O Silêncio como Possibilidade: registros e análises

Nesta sessão, apresentamos quatro recortes da fala de uma moradora institucionalizada na ILPI Abrigo Nosso Lar, de Vitória da Conquista, aqui identificada como senhora InfN. Essa senhora é uma das mais antigas moradoras dessa instituição, tem seu processo de senescência sem comprometimentos patológicos. Há mais de 20 anos, aceitou a sugestão de morar em um abrigo, após ser internada para cuidar de sequelas de uma ferida na perna, por não poder trabalhar e não ter familiar na cidade. InfN tem sua funcionalidade preservada apesar do contínuo tratamento em um dos seus membros inferiores. Participativa de todas as oficinas de artesanato; é uma das mais conhecidas moradoras da instituição, e tira proveito dessa fama para vender suas produções (pano de prato, pinturas, bolas de natal). Mesmo morando há tantos anos no abrigo e afirmando gostar muito de estar ali, InfN é instada a falar sobre seus desejos, em uma oficina de artesanato com jornal, proposta pela pesquisadora, aqui denominada de PSMP. Um dizer tão contraditório em relação às suas afirmativas diárias, que precisou ser ancorado e impermeabilizado pelo silêncio para ser estruturado e ser realizado nas palavras transcritas a seguir:

**Quadro 1:** Silêncio que Possibilita o Não-dito.

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
-------	--------------	------------	---	---



01	PSMP	Qual o seu desejo?		
02	InfN	(respira fundo) Silêncio		Olha para cima
03	InfN	.. rs. isso aí é caro....		Aperta as mãos
04	InfN	Quero uma casa. Meu sonho é ter uma casa (.....) eh (...) desde o outro (...) desde o outro albergue.		Mãos apertadas
05	PSMP	Você moraria sozinha?		
06	InfN	Hein?		Olha para a pesquisadora
07	InfN	(Silêncio)		Pesquisadora mantém o olhar
08	InfN	Com um cuidador...	Tom forte	

Fonte: Elaboração dos autores

No turno 02, do Quadro 1, o silêncio possibilita realizar a presença de um desejo de pertencimento, no fora da linguagem há sentido, aquilo que está *in absentia*, que poderia ser materializado de outras formas, ou seja, “sempre se diz a partir do silêncio” (ORLANDI, 1992, p. 23) e também é “garantia de movimento de sentidos” (1995, p. 23) como no enunciado “Quero uma casa. Meu sonho é ter uma casa”.

No turno 07, do mesmo quadro, o silêncio fundamenta a possibilidade de uma resposta. Em ambos os casos, o silêncio vem coberto de sentidos e de desejos. Em resposta a desafiadora pergunta “Você moraria sozinha?”, InfN responde com a interjeição “Hein?”. A interjeição “hein” é geralmente usada para expressar indignação ou espanto, para reforçar o sentido de uma pergunta, como sinônima de “não é verdade?”, e também pode ser usada para indicar que não foi possível entender algo dito, como se fosse o sentido de “como?” ou “o quê?”. Como PMSP se manteve em silêncio, acolhendo o silêncio de InfN, atuando com aquele silêncio que se cala ao invés de responder, permitiu que InfN elaborasse o seu dizer, desconstruísse a sua resistência e instituísse sua verdade, o seu dito. Assim, pode-se dizer que InfN compreendeu a pergunta que foi feita e que, embora tenha causado espanto, ao ponto de causar o silêncio, um silêncio que ocupava o desejo de morar fora da instituição e o receio, medo de estar só, sem os cuidados do corpo, elabora a resposta “Com um cuidador...”. Assim, após o silêncio apresentado no turno 07, o turno 08 é constituído por uma expressão forte e uma resposta possível, real e viável. Assim, manifesta-se uma materialidade linguística.

Além de possibilitar o *não-dito* ser *dito*, o silêncio é resistência ao que não pode ser dito, aquilo que sofre algum tipo de censura, que é proibido. Nesse caso, resistência ao medo da

dependência física. O dizer significa o reconhecer a possibilidade de não funcionalidade, da perda do ir e vir, daquilo que pode aprisionar o corpo.

A resistência é o que faz obstáculo ao fluir dos pensamentos inconscientes, ao desenrolamento da cadeia dos significantes, em resumo, ao advento do saber inconsciente: eis a maneira mais precisa e, entretanto, mais geral de defini-la. (NASIO, 2011, p. 86).

O silêncio pode ser a resistência, mas também é possibilidade. InfN foi por algum tempo cadeirante, durante agravamento do quadro da ferida de sua perna. Momento difícil de rememorar. Verifiquem os dados do Quadro 2.

Quadro 2: Silêncio Como Resistência<sup>11</sup>

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	Quanto tempo você ficou na cadeira?		
02	InfN	(.....) ffsfsfu (inaudível)		Olha para fora da sala
03	PSMP InfN	(silêncio)		Olhando para fora da sala (InfN)
04	PSMP	A experiência não foi boa...		Torna-se para a pesquisadora (InfN)
05	InfN	foi (.....) não foi não (.....) não foi não (...) foi (...) era (...) foi.	Enfática, o apertar das mãos acompanhou cada “não foi não”.	Olha para cima e Tornando-se para a pesquisadora
06	InfN	Eu pedia a Deus pra <i>mim</i> caminhar...		
07	InfN	O assento dói; as costas. Cai a cadeira. Cansa (.....). Eu já fiquei na cadeira, <i>eles</i> cansa, a costa dói. Você não <i>guenta</i> . Eles não <i>guenta</i> . Já fiquei na cadeira eu sei.		Olha para a PSMP, aperta as mãos mais intensamente
08	InfN	No hospital de base pedi: eu mereço... Pois, já <i>tava</i> começando na outra perna... a Deus: cura essa enfermidade jesus [...] Pra não ter de ficar em cadeira.. Uuuuuui, é.... ai...		Olha para cima como que em súplica, oração.

<sup>11</sup> Neste quadro usamos o ponto entre parênteses para representar o tempo do silêncio. Sendo assim (.....) representa um tempo de aproximadamente 6 segundos, e (...) 3 segundos, assim por diante.

				Olhando para PSMP
--	--	--	--	-------------------

Fonte: Elaboração dos autores

No turno 02, do Quadro 2, o silêncio interrompido por um som inaudível representa a tentativa de interdição de uma memória de dor e de vivências indesejáveis. A difícil missão de rememorar momentos de dependência. Momento que InfN ficou em cadeira de rodas por conta da ferida em sua perna. No turno 03, o silêncio de PSMP permite InfN fundamentar este dizer (turno 04), ao afirmar “A experiência não foi boa...”, referindo-se a perda de funcionalidade corporal e/ou a limitação. Contudo, o silêncio é fundante para a estruturação, por ser princípio de significação e possibilitar a escolha das respostas que emergem nos turnos 07 e 08. A melhor resposta. A resposta possível. Assim, consideramos que “se encontra uma resistência tanto maior quanto mais se aproxima de um discurso que seria o último e o bom, mas que se recusa de maneira absoluta” (LACAN, 1985, p.33).

Lacan (1985) apresenta que a resistência é maior ao se aproximar de um discurso que seria o último - o urgente, o possível; e o bom, como o que permite o constituir-se enquanto sujeito.

Apresentamos, a seguir, dados que evidenciam o silêncio polissêmico, com diversos sentidos, suprimidos nos interditos de uma situação singular para InfN. Em seu contexto de ressignificação e pertencimento, está o ato de cuidar. Antes de estar institucionalizada ela cuidava de seus padrões, na instituição cuida da “filha dela”, como se refere a outra idosa institucionalizada, M, senhora mais velha do que InfN, com 93 anos, que está há mais tempo na instituição e a chama de mãe. Certa ocasião, M, a “filha” de InfN, adoeceu, e precisou ser internada. Os funcionários da instituição retiraram o colchão da cama em que M dormia, bem ao lado da cama de InfN. Nos primeiros dias, InfN sentava-se em sua cama, por horas, e contemplava o vazio da cama ao lado em que só se via o estrado.

**Quadro 3:** Silêncio Polissêmico

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	Saudade?		
02	InfN	Tiraram o colchão		Olhando para a cama.
03	PSMP	Para higienizar?		



04	InfN	(.....)		Olhando para a cama.
05	InfN	Será? (...) É mesmo! (...) Genizar...	Sorrindo	Levanta o olhar.

Fonte: Elaboração dos autores

No quadro 3, a situação enunciativo-discursiva apresentada demonstra a dificuldade de elaborar o medo da perda, da finitude, de acreditar na possibilidade da cura, e tantos outros sentidos embutidos no silêncio deste contemplar, como, por exemplo, a indignação e incompreensão de ver o colchão retirado, que gerava nela um sentimento dúbio: crença e descrença. Quando provocada a pensar outra possibilidade (turno 3), é no silêncio (turno 4) que esta elaboração ocorre. Um misturar de sentidos, que permite emergir um que sustente a crença, a fé. Tal hipótese pode ser confirmada na situação enunciativo-discursiva posterior.

No dia seguinte, ao encontrar a pesquisadora, InfN, no refeitório, exibe um pano de prato de havia pintado:

Quadro 4: Silêncio que Corrobora

Turno	Interlocutor	Enunciados	Observações sobre a condição de produção verbal	Observações sobre a condição de produção não verbal
01	PSMP	Que lindo!	(se referindo ao prato)!	
02	InfN	É (...)	Sorrindo	
03	PSMP	Está preocupada com “M”?		
04	InfN	Tô...		
05	InfN	Deus ajude que ela melhore...		
06	PSMP	M é sua companheira, né?		
07	InfN	É (...) Deus ajuda que ela melhora. Ela vai melhorar ... Com fé em Deus!	Sorrindo	Termina de forma enfática
08	PSMP	Amém!		

Fonte: Elaboração dos autores

InfN já não estava paralisada por seus medos. O silêncio que possibilitou a elaboração de novas ideias e possibilidades, a trouxe para fora, para o “ruído externo” que por um instante se sobrepôs a seus “ruídos internos”. No turno (2) e no turno (7) do quadro 4, o silêncio como interdito corrobora a afirmação que emerge insegura. E o enunciado a seguir *Deus ajuda que ela melhora. Ela vai melhorar* confirma que o silêncio está carregado com o sentido de afirmação.

Em todos os casos, o silêncio é algo que intermedeia, que envolve, que antecipa os sentidos dos dizeres e tem seu próprio sentido. O tempo do silêncio é o que o delimita, mas também é o que o permite ser o que é.



## Considerações finais

O silêncio nos dados aqui apresentados pode ser comparado ao silêncio acústico por sua similitude. Mensurado por sua duração, possui tempo próprio e sua singularidade é impregnada de sentidos. O silêncio, mesmo que em equilíbrio entre o ruído interno do corpo e o ruído externo ao corpo aparentemente apresenta-se na forma de “o nada”, mas aqui é visto e demonstrado que não é o nada. Ele é a possibilidade do enunciar, do dizer. Ele possibilita dizer o que o inconsciente impetra, bloqueia e interdita. Fundamenta os enunciados e aguarda silenciosamente o que está por vir. O silêncio é quietude e é ruído. É possibilidade e é resistência. Em suas diversas formas e sentidos, consideramos que o silêncio se faz linguagem, e, enquanto linguagem, é constitutivo do inconsciente e do humano.

Dessa forma, retomando a pergunta motivadora, qual seja: Qual a relação do silêncio com a linguagem e o sentido? Consideramos que o silêncio vale além da palavra: por representar inúmeras possibilidades num contínuo processo de significação, em sua (in)quietude; por revelar o outro em um silencioso processo de interação e por possuir uma força que arrasta o paciente, o outro, o idoso institucionalizado a dar respostas. O silêncio está no entremeio das disciplinas e na intencionalidade do indivíduo. Está onde o *dizer* precisa ser dito, mas por algum motivo sofre interdição. Na acústica, na música, na filosofia, na linguística, na análise do discurso, na psicanálise, o silêncio inspira reflexões. Todas as possibilidades sobre o silêncio não se encerram neste trabalho, no qual o leitor foi convidado a contemplar algumas de suas instâncias e dos seus sentidos.

## Referências

AZEVEDO, Nadia Pereira da Silva Gonçalves et al. A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: uma análise discursiva (Atypical language and silence in aphasia and stuttering: a discursive analysis). *Estudos da Língua(gem)*, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 37-54, mar. 2019. ISSN 1982-0534. Disponível em: <<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/5312>>. Acesso em: 07 set. 2019. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v17i1.5312>.

BAUMAN, R. Speaking in the light: the role of the Quaker minister. In: Bauman, R. e Sherzer, J. *Explorations in the ethnography of speaking*. London: Cambridge University press, 1974.

BURKE, P. Anotações para uma história social do silêncio no início da Europa moderna. In: A



*arte da conversação*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

CAGE, J. *Silence, Lectures and Writings*. Wesleyan University Press, Middletown, Connecticut, 1939 (1961), disponível em <<https://archive.org/details/silencelecturesw1961cage/page/n1> > acesso em 14 de maio de 2019.

COSTA, E. M. A. *Análise do discurso de sujeitos afásicos e de seus familiares sobre a afasia*. Tese de doutorado. UNICAP. Pernambuco. 2019.

COUDRY, M. I. H. O que é dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M.F.P. (Org.). *O método e o dado no estudo da linguagem*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 1996, p. 179-194.

HEIDEGGER, M. *A Caminho da Linguagem*. Petrópolis, 5ª edição. RJ. Vozes. Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 1959. Edição consultada. 2011.

HELLER, A. A. Tese (Doutorado em Literatura): *John Cage e a Poética do Silêncio*. Universidade Federal Santa Catarina. 2008. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91918/257998.pdf?sequence=1> > acesso em 16 de maio de 2019.

KREMPEL D. L. B. *Curso em Acústica das Edificações e Ambiental*, USP, São Paulo, SP, 2015.

LACAN, J. *Estou Falando com as Paredes, conversas na Capela de Saint-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar. 2011.

LACAN, J. *O Seminário – 1 – Os Quatro Conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. 1985.

LIMA, J. S. *Comentários sobre as coisas de Heidegger*. Revista SABERES, Natal – RN, v. 1, n.4, jun 2010. Disponível em <<http://www.cchla.ufrn.br/saberres> > Acesso em 01 de maio de 2019.

NASIO, J.-D. *O Silêncio na Psicanálise*. Tradução de Martha Prada e Silva. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. 2010.

ORLANDI, Eni P. *As Formas de Silêncio: no movimento dos sentidos*; São Paulo., Editora Unicamp. 1992. Edição consultada: 1995.

PEREIRA, Carlos Arthur Avezum. *O Silêncio na Obra de John Cage: uma poética musical em processo*. ANAIS DO III SIMPOM 2014 -SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA Disponível em <<http://www2.eca.usp.br/nusom/sites/default/files/4682-24074-1-PB.pdf>> acesso em 16 de maio de 2019.

SAMPAIO, N.F.S. *Linguagem e memória no envelhecimento: um estudo neurolinguístico*. Revista Investigações - Vol. 25, nº 2, Julho/2012.

SAMPAIO, N.F.S. *Uma abordagem sociolingüística da afasia: o Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP) como uma comunidade de fala*. Originalmente apresentada como Tese de Doutorado. Campinas: Dep. de Lingüística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2006.

SAMPAIO, N. F. S., *O Centro de Convivência de Afásicos em foco (Focus on Centro de Convivência de Afásicos)*. Estudos da Língua(gem), [S.l.], v. 6, n. 2, p. 67-96, dez. 2008. ISSN 1982-0534. Disponível em:




<<http://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/1067>>. Acesso em: 07 set. 2019. doi: <https://doi.org/10.22481/el.v6i2.1067>.

SAMPAIO, N.F.S., BERNARDES, K.F.B. A estrutura e funcionamento de uma instituição de longa permanência para idosos: a percepção da linguagem. 2019 (no prelo).

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 28ª ed. Editora Cultrix. SP. São Paulo. 1916. Edição consultada: 1995.

## Anexo

### Parecer do comitê de ética

<b>UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA - UESB/BA</b>	
<b>PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP</b>	
<b>DADOS DO PROJETO DE PESQUISA</b>	
Título da Pesquisa: Silêncio - A Linguagem em Uma Instituição de Longa Permanência para Idosos	
Pesquisador: SIMONE MAXIMO PELIS	
Área Temática:	
Versão: 2	
CAAE: 98637718.1.0000.0055	
Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	
Patrocinador Principal: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB	
<b>DADOS DO PARECER</b>	
Número do Parecer: 3.050.076	
<b>Apresentação do Projeto:</b>	
Reapresentação de projeto de pesquisa de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística, que abordará a influência da institucionalização na linguagem do idoso. Será desenvolvido no Abrigo Nosso Lar, Instituição de Longa Permanência, em Vitória da Conquista-BA.	
<b>Objetivo da Pesquisa:</b>	
De acordo com a descrição das pesquisadoras:	
Primário: Avaliar o papel da instituição de longa permanência no processo da consciência individual dos idosos, através da linguagem.	
Secundários:	
Avaliar a relação discurso - enunciado dos familiares/responsáveis por idosos recentemente institucionalizados no Abrigo Nosso Lar; Investigar se ocorre/como o processo de paralinguagem ou silenciamento em idosos institucionalizados; Investigar formas alternativas dos sistemas alternativos de significação desses idosos.	
<b>Avaliação dos Riscos e Benefícios:</b>	
Os riscos e benefícios foram apresentados e transcritos no parecer anterior. Contemplam o proposto na Res.466/2012.	
<b>Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:</b>	
Pesquisa de interesse para a área da saúde e de relevância social.	
Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n	
Bairro: Jequiézinho CEP: 45.206-510	
UF: BA Município: JEQUIÉ	
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: <a href="mailto:cepuesb@uesb.br">cepuesb@uesb.br</a>	



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.050.076

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Na apresentação anterior ficaram pendentes (não tinham sido anexadas) a Declaração de participação discente (Simone Maximo Pelis) e a autorização para coleta de dados da instituição onde se pretende realizar a pesquisa. Essas pendências foram solucionadas.

Solicitou-se ainda reapresentação do TCLE com adequações e após esclarecimentos referentes aos participantes da pesquisa.

**Recomendações:**

Não há. O sumário foi incluído no projeto, conforme sugestão anterior.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Para atender ao solicitado no parecer anterior (nº 2.926.825, de 28/09/2018), as pesquisadoras:

1. Esclareceram e detalharam no projeto que os participantes da pesquisa serão idosos institucionalizados, seus familiares/responsáveis e funcionários da instituição. Dessa forma, foram apresentados três TCLEs, apropriados a cada participante;

2. A declaração de participação discente foi apresentada;

3. A autorização para coleta de dados no Abrigo Nosso Lar, Instituição de Longa Permanência, em Vitória da Conquista, foi apresentada;

4. A atualização do cronograma foi feita.

Diante disso, após resolverem as pendências e inadequações listadas anteriormente, o projeto poderá ser aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Em reunião de 30.11.2018, a plenária deste CEP/UESB aprova o parecer do relator.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1195632.pdf	24/10/2018 21:56:17		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_silencio_linguagem_ILPI_PB3.pdf	24/10/2018 21:54:44	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_IDOSO.pdf	24/10/2018 21:48:53	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	TCLE_FAMILIA_E_RESPONSAVEL.pdf	24/10/2018 21:37:32	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
Bairro: Jequiézinho CEP: 45.206-510  
UF: BA Município: JEQUIÉ  
Telefone: (73)3528-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

Página 02 de 03



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
SUDOESTE DA BAHIA -  
UESB/BA



Continuação do Parecer: 3.050.076

Justificativa de Ausência	TCLE_FAMILIA_E_RESPONSAVEL.pdf	24/10/2018 21:37:32	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_REDE_ATENCAO_PRIMARIA.pdf	24/10/2018 21:35:02	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	AUTORIZA_ABRIGO.jpg	14/10/2018 17:25:45	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	CCF_000197.pdf	14/10/2018 16:31:36	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Outros	ROTEIRO.docx	12/09/2018 17:41:29	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Oficio_4.pdf	23/08/2018 12:32:36	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Oficio_3.pdf	23/08/2018 12:32:19	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Oficio_2.pdf	23/08/2018 12:31:53	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Oficio_1.pdf	23/08/2018 12:31:27	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto.docx	23/08/2018 12:04:21	SIMONE MAXIMO PELIS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 30 de Novembro de 2018

Assinado por:  
Douglas Leonardo Gomes Filho  
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida José Moreira Sobrinho, s/n  
Bairro: Jequiézinho CEP: 45.206-510  
UF: BA Município: JEQUIE  
Telefone: (73)3526-9727 Fax: (73)3525-6683 E-mail: cepuesb.jq@gmail.com

Página 02 de 03